A REALIDADE ONTOLÓGICA E A IMPORTÂNCIA DOS QUATRO PRINCÍPIOS ÔNTICOS

Ana Maria Barros de Souza

Linha 7 – A dimensão do "ser pessoa" no processo educativo

RESUMO: O presente artigo versa sobre a *realidade ontológica e a importância dos quatro princípios ônticos*, em uma abordagem introdutória sobre o tema. O objetivo geral desse estudo é expor como a Ontopsicologia, por meio dos quatro princípios ônticos, aborda o real ontológico e o que impede o homem de colher essa realidade, para especificamente dar uma noção de quais capacidades são necessárias desenvolver para que seja possível ao homem colher o real de si mesmo, em reversibilidade com a sua identidade pessoal. Outrossim, objetiva-se, também, demonstrar o quão é relevante a realização de revisões críticas e constantes de consciência, que proporcionam mudanças radicais dos modelos mentais e comportamentais, para alcançar a possibilidade de conhecer a si mesmo, a partir de sua realidade ôntica, alcançando um estado de ecceidade do próprio ser e, assim, adentrando na dimensão do "ser pessoa". Além de contribuir com a exposição teórica da possibilidade de aplicar uma nova pedagogia, conforme a ciência ontopsicológica, que ensine as crianças e os jovens a descobrirem essa realidade ontológica. A metodologia utilizada foi de revisão teórica, principalmente, em obras do fundador da Ontopsicologia, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. A relevância social, científica e prática desse estudo é de conhecimento público, notório e de valor incomensurável para todo o ser humano que possui o escopo de conhecer-se e vivenciar uma vida de plenitude, pois "saber quem eu sou" é a mais pura forma de autorrealização.

Palavras-chave: Real; Autoconhecimento; Ontologia; Ontopsicologia; Pedagogia.

1. Introdução

Inicialmente, cabe ressaltar que o tema proposto se fundamenta na indagação base da Ontologia: quem eu sou? Ademais, considerando que o homem experimenta a realidade a partir das suas percepções, pode-se dizer que quanto mais ele conhece a si mesmo, mais é possível para ele colher o real. Desse modo, quando alguém questiona o que é real e o que o impede de acessar o real, o parâmetro utilizado para obtenção da resposta é o próprio sujeito que está fazendo a pergunta.

Dessarte, o presente artigo acadêmico versará sobre a *realidade ontológica e os quatro princípios ônticos*, em uma abordagem introdutória sobre o tema, trazendo uma breve noção para os estudantes de ontopsicologia, como também para aqueles que se interessam pelos aspectos mais profundos da alma humana.

O objetivo geral desse estudo é expor como a Ontopsicologia, por meio dos quatro princípios ônticos, aborda o real ontológico, para especificamente dar uma noção de quais capacidades são necessárias desenvolver para que seja possível ao homem colher o real de si mesmo, em reversibilidade com a sua identidade pessoal.

Outrossim, objetiva-se, também, demonstrar ao leitor o quão é importante a realização de revisões críticas e constantes de consciência, que proporcionam mudanças radicais dos modelos mentais e comportamentais, para alcançar a possibilidade de conhecer a si mesmo, a partir de sua realidade ôntica, alcançando um estado de ecceidade do próprio ser, adentrando na dimensão do "ser pessoa". Além de questionar, como é possível aplicar uma nova pedagogia que ensine as crianças e os jovens a descobrirem essa realidade ontológica.

A escolha do tema motivou-se pelo interesse pessoal da autora em desvendar a realidade ontológica, buscando a conformidade com o seu próprio ser. A relevância social, científica e prática desse estudo é de conhecimento público, notório e de valor incomensurável para todo o ser humano que possui o escopo de conhecer-se e vivenciar uma vida de plenitude e autorrealização.

O presente artigo inicia abordando como o homem se relaciona com o real, além de algumas considerações sobre quais as causas, para a ciência ontopsicológica, que o impedem de colher a realidade ontológica. Logo após, discorre brevemente sobre a consciência e de como esta alcança o Ser e a sua verdade. E, por fim, menciona quais são os quatro princípios ônticos e como a autoevidência somada a compreensão racional desses princípios podem possibilitar ao homem o acesso à visão ôntica e a realidade ontológica.

2. Fundamentação teórica

2.1 Acerca do Eu e do Real

O que é real[1], segundo a ontologia, e como o homem, ou ser individual[2], colhe o real? O real externo existe na medida em que o ser[3] é real ou está colhendo a realidade como ela é. Entretanto, se ele não é real, o real não existe para ele. "Não posso indagar o real se antes não sei o que sou" (MENEGHETTI, 2013, p. 11).

Da referida indagação desdobram-se os seguintes questionamentos: "Quem sou? Qual o sentido da minha vida neste plano da existência? Qual o meu projeto de natureza? Qual é o propósito da minha alma, da minha essência? O que posso fazer para contribuir com o todo? Que legado deixarei para a humanidade e para as próximas gerações?

Após o surgimento das perguntas no âmago do homem, inicia o vislumbrar das respostas para esses questionamentos, momento em que a pessoa começa a adentrar na dimensão do Ser, começando a verificar o problema a partir do seu interior, da sua alma, e não apenas dos aspectos externos a si, não mais na psicologia do devir puramente existencial, do plano material,

---

1 Real: etimologia da palavra "real": do latim "*res*", "*rei*", "que de fato existe" ou "*regãlis*", "do monarca", ou ainda, "*realis*", "verdadeiro, relativo às coisas que existem"; "*res*", "coisa, matéria".

2 "(...) ser individual, ou ser como participação de mim existente aqui e agora." (MENEGHETTI, 2012a, p.244)

3 Para fins didáticos cabe esclarecer que quando utilizada a palavra "ser" com a inicial minúscula está se referindo ao ser individual. Entretanto, no caso da utilização em letra inicial maiúscula é o modo de ser metafísico, transcendente ou Ser Absoluto, ou Ser como Deus (MENEGHETTI, 2012a).

mas adentrando na experiência metafísica, ou seja, aquela que vai além da experiência física.

Nesse contexto é importante relembrar o legado do filósofo grego Protágoras, que viveu aproximadamente entre os anos de 480 a.C e 410 a.C., do qual herdamos a máxima: "o homem é a medida de todas as coisas", ou seja, o sujeito percebe, "mede", a realidade de acordo com a sua "visão" particular e subjetiva do mundo e de si mesmo, conforme o seu modo de vida, o meio social onde vive, bem como a partir do seu autoconhecimento, pois ele é a medida, o ponto de referência, não existe nada além da sua própria percepção. Nesse sentido, quanto mais o homem amplia a sua consciência, maior será a percepção de si mesmo e também daquilo que é distinto dele, ou seja, mais colherá a realidade como ela é.

Desse modo, pode-se dizer que o ser é igual aquilo que é real e, a partir do momento em que o ser começa a colher-se, a ver a realidade[4], ele também vê o que é irreal, ilusão, podendo mudar o roteiro, o *script* da sua vida, traçando uma nova estrada. Assim, o ser, conectado com a realidade, pode ser apenas aquilo que é, podendo seguir a lógica do Ser Absoluto na existência, vivendo de forma compatível com a sua natureza, com a sua realidade única, com o mundo-da-vida[5]. Em outras palavras, o homem colhe a si mesmo e pode ir além de si mesmo, tem a força dentro de si para se colher e transcender. Entretanto, cabe ressaltar, que a única possibilidade de transcender é por meio dele próprio.

Nesse enfoque da indagação do real para o homem, cabe citar a afirmação do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti (2015, p. 45):

> Indago o real e o universo a partir da minha condição. Não consigo pensar e medir (racionalizar) fora do meu existir ou ser-aí. Penso a partir do fato que sou. O fato me presencia e me define. Qualquer investigação não está além de mim. O real é até onde eu sou, isto é, até onde o real, o ser, experiencia em mim, e até onde eu o experiencio.

Logo, surge a questão, o que afasta o homem do real, do mundo-da-vida? O que o impede de colher a realidade? Acerca disso, uma das causas é o que a ciência ontopsicológica denomina de esquizofrenia existencial[6], ou seja, o ser individual percebe-se dividido, cindido, separado, segregado, dissociado de si mesmo.

No livro *Imagem Alfabeto da Energia*, o Prof. Meneghetti (2006, p. 189) nos esclarece o conceito de "Eu dividido", a saber:

> O conceito de "Eu dividido", "Eu neurótico", "Eu esquizofrênico", "dupla personalidade" etc., foi discutido muitas vezes. É certo que todos tem a experiência subterrânea de uma ambivalência, e – após a descoberta e análise do inconsciente

[4] Realidade: "Propriedade que discrimina o ser do não ser; sucessivamente especifica os vários modos do concreto." (MENEGHETTI, 2012a, p.232)

[5] "Mundo-da-vida é o princípio que dá origem a todo o conhecimento. O Eu é o ator do mundo-da-vida. O mundo-da-vida é a causalidade vital primeira de toda a realidade." (VIDOR, 2013, p.13) Ainda mais, trata-se de uma reapropriação da noção de mundo-da-vida na Fenomenologia de Edmund Husserl.

[6] Esquizofrenia existencial: "(...) é própria da consciência aporética da cultura humana: a mente não sabe o que é, o porquê do próprio ser, de onde vem e para onde vai. A mente se encontra dividida da razão do ser por causa da interferência do monitor de deflexão prevalecente." (MENEGHETTI, 2012a, p.98). "Conduta esquizofrênica é o comportamento que revela a mente dividida em duas: a parte consciente e a parte inconsciente. O indivíduo pensa de um modo e vive de outro". (VIDOR, 2013, p.41).

> – aqueles que conduziram uma pesquisa mais interessada e mais viva começaram a compreender a triste consequência de ter uma consciência *cindida*. Ter a consciência dividida é frequente; alguns homens vivem este estado psicológico de modo constante e agem a própria vida em contradição contínua, mesmo em situações substanciais, importantes, definitivas. Não o fazem de propósito: são necessitados a fazê-lo.

Posto isso, em primeiro lugar, para que possa evadir-se desse "Eu dividido", o Eu necessita desfazer a ilusão, tornar consciente as diversas partes inconscientes da sua psique, para aos poucos extrair todos os registros do "Eu fictício" [7], ou seja, todos os complexos enraizados no seu inconsciente, consentindo a metabolização e a leitura exata do seu "Eu original ou Eu a priori" [8], para num segundo momento sentir-se inteiro novamente, uno com o todo, obtendo uma consciência exata, na qual o "Em Si ôntico"[9] e o "Eu lógico-histórico"[10] coincidem, ou seja, tornando-se um homem autêntico[11].

Segundo a Ontopsicologia o homem nasce exato, não existe ainda a parte inconsciente, a separação ocorre depois, quando o sujeito comete a primeira traição a si mesmo, indo de encontro aos seus instintos vitais para pertencer à família, à sociedade, etc.

Ademais, cabe ressaltar que para o ser humano recém-nascido ou nos anos iniciais de vida, ser acolhido, aceito e amado no âmbito familiar é algo de extrema necessidade para a sua sobrevivência, pois tais sentimentos quando ameaçados acionam o seu instinto de autopreservação.

Então, nessa primeira fase da existência, o sujeito diz o primeiro "não" para si mesmo e se condiciona a ser como as pessoas do *habitat* em que vive, de acordo com a cultura e os sistemas familiares. Ocorre que, muitas vezes, esse ambiente não é favorável para aquela "semente", para aquele Em Si ôntico e, sem as condições necessárias para o seu desenvolvimento, o "Eu" não consegue formalizar plenamente a sua potencialidade.

Nesse viés, destaca-se a importância de uma nova pedagogia com o escopo de preparar uma sociedade futura, com pais e professores que possibilitem às crianças e aos jovens o conhecimento de si mesmo, despertando para essa realidade ontológica, o que somente é possível se estes educadores adentrarem e estejam vivenciando a lógica da vida. "A Ontopsicologia indaga um pedagogia na medida em que essa seja ciência de serviço funcional ao indivíduo como despertar de consciência ôntica" (MENEGHETTI, 2019, pp. 239-240).

---

[7] Eu *fictício*: "Eu não autêntico, não operador de realidade segundo a pulsão do Em Si, portanto, estruturado segundo o complexo, ou a projeção dos outros". (MENEGHETTI, 2012a, pp. 103-102).

[8] Eu *a priori*: "O Eu antes da escolha ou interação. Forma virtual do Eu organísmico antes do acontecimento e desenvolvimento histórico (...) Exprime a vetorialidade otimal da situação entre Eu e mundo, em vantagem do Eu integral ou Em Si organísmico. Constitui aquele possível otimal a ser concretizado por sucessiva tomada de consciência e de vontade, para o nascimento constante do Eu histórico em progresso intrínseco." (MENEGHETTI, 2012a, p.105).

[9] Em Si ôntico: "Centralidade do ser. Princípio ôntico existencial no homem. Projeto-base de natureza que constitui o ser humano. Princípio formal inteligente que faz autóctise histórica." (MENEGHETTI, 2012a, p. 84).

[10] Eu lógico-histórico: "o Eu que, de fato, escolhe e define seja em positivo, seja em negativo." (MENEGHETTI, 2012a, p. 103).

[11] Autêntico: "ser igual a como o projeto individual prevê." (MENEGHETTI, 2012a, pp. 29-30).

Em face do exposto, pode-se afirmar que o desafio atual é formar educadores e pais autênticos, pois é por meio do autoconhecimento que o educador transcenderá a si mesmo, entrando no mundo-da-vida. Entretanto, se esses educadores não conhecem a si mesmos, como vão ensinar os jovens a se conhecer? Ressalta-se que a vontade de se conhecer e de se compreender nasce no interior do sujeito, não podendo advir de uma imposição externa, sendo possível apenas a realização de uma ampla conscientização da importância do autoconhecimento.

Para aqueles que querem e decidem se conhecer, faz-se necessário considerar que para retomar o projeto de natureza e voltar para a essência do ser, é primordial que o sujeito conscientize-se, paulatinamente, dos seus complexos, neutralizando-os e metabolizando-os em crescimento, fortalecendo o Eu, e assim, transformando a energia bloqueada do Eu Fictício, a qual gera a esquizofrenia existencial, a separação da psique, em energia de vantagem para a vida (MENEGHETTI, 2010).

Dessa forma o homem começa a deixar de ser "objeto" e, de forma progressiva, adentra na dimensão do "ser pessoa", protagonista da sua vida, e, assim, surge a possibilidade de colher o outro, sem mais se projetar no outro, sem a interferência da mente, que projeta as imagens e do monitor de deflexão[12], que as distorce.

O homem uno, inteiro, consegue dissociar-se do outro, relacionar-se sem se tornar ou englobar o objeto, impostando a própria verdade, conectado com a sua realidade.

2.2 Da consciência ao ser

Como diria Hamlet, na obra clássica de Shakespeare: Ser ou não ser, eis a questão? Considerando essa indagação, pode se dizer que "ser" é uma decisão? Segundo o fundador da ontopsicologia, sim: "A verdade é também uma escolha, não é necessária a todos. A verdade é ser igual a si mesmo, com o outro ou sem o outro. (...) A verdade não se crê, não se lê, não se pensa: se faz" (MENEGHETTI, 2011, p. 21).

Nesse viés, o referido "fazer" é fundamental para alcançar a verdade de si mesmo, pois é a escolha de viver de acordo com as pulsões do Em Si ôntico, colocando-as em acontecimento e desenvolvimento histórico. "Fazer" é um ato contínuo e constante, devendo ser renovado a cada momento, muitas vezes, sem a compreensão consciente da tomada de decisão, mas na medida em que vai fazendo e formalizando, o próximo passo vai sendo vislumbrado.

Dessa forma, salienta-se que para alcançar a sua verdade é imprescindível ao sujeito uma confiança inquestionável no Eu *a priori*, pois a realidade ontológica acontece na ecceidade, no aqui, assim e agora, sem garantias concretas de êxito, para o Eu lógico-histórico, porém a forma da ideia existe, já é mensurável para o ser no devir existencial.

Em face do exposto, cabe transcrever a seguinte passagem do livro *A visão ôntica*, do Prof. Antonio Meneghetti, quando aborda o nexo ontológico:

[12] "Monitor de Deflexão: é um programa interno que age interferindo e censurando as percepções organísmicas mediante uma imagem dominante fixa, distorcendo a informação para o eu consciente." (VIDOR, 2013, p. 60).

> O verdadeiro se dá quando a identidade do uno individual ou particular está conectada com a unidade de ação do cosmo, portanto, quando o protótipo ou projeto existencial singular ou coletivo é o contínuo da forma ou ordem ou projeção do ser geral. Esse simples verdadeiro entre o Em Si do homem e o em si da vida, evidencia a unidade de ação entre o todo e o particular. Ou seja, a existência é direta fenomenologia da única causalidade substancial e intencional do ser em si. [...] Ao final, a existência realizada sobre o sinal do nexo ontológico na ecceidade do aqui, agora, assim em espaço-tempo, se descobre divertida e consumada no significante sem palavra ou fenomenologia. A ecceidade é sempre configuração mensurável. E, deste modo, o ser se faz existência, enquanto o Ser é simplicidade incomensurável. (MENEGHETTI, 2012b, pp. 51-52).

Ressalta-se que a Ontopsicologia tem como finalidade que a lógica do Eu, da consciência, alcance a coincidência do projeto primário, original do Em Si ôntico, obtendo assim a realização (MENEGHETTI, 2010). O projeto se realiza quando a intuição se formaliza, ou seja, se materializa na história, no plano da existência, realizando aquele ser que foi projetado, intencionado pela natureza, pelo mundo-da-vida.

A seguir expor-se-á os quatro princípios ônticos, considerando estes como formas de acesso ao real, os quais são os alicerces para o entendimento do tema proposto.

2.3 Os quatro princípios ônticos

Inicialmente, ressalta-se que a ontologia ou metafísica é a área da filosofia que destina-se ao estudo da causalidade dos fenômenos, o sentido primeiro das coisas, o ser das coisas, o que somente é possível compreender através do intelecto (*intus actionem legere*: ler dentro a ação), pois **é** o intelecto (Em Si ôntico) que colhe o ser dos entes (coisas) por meio da intuição. O intelecto é que torna possível dizer: "é" (MENEGHETTI, 2015).

Ademais, uma questão a ser esclarecida em relação aos quatro princípios ônticos é que esses princípios não tem fenomenologia, nem necessidade racional de discurso, somente autoevidência, são intuição pura (MENEGHETTI, 2014). Assim, com a intenção de apresentar uma singela noção de quais as capacidades são necessárias para o homem colher o real de si mesmo, inicia-se a abordagem de cada princípio ôntico.

2.3.1 Eu sou

O real é realidade até onde "Eu Sou" real, ou seja, a essência do ser é o grau de participação que cada um tem o ser, o limite do nosso modo de ser, ser o ente que você é. O "Eu Sou" é o conceito da ciência ontopsicológica, em sua redução máxima, transcendental, "a consciência do ser no ser", sendo essa a grande novidade que a Ontopsicologia traz em filosofia, saber o ser onde eu existo, este é o fundamento crítico de todo o conhecimento do homem (MENEGHETTI, 2014).

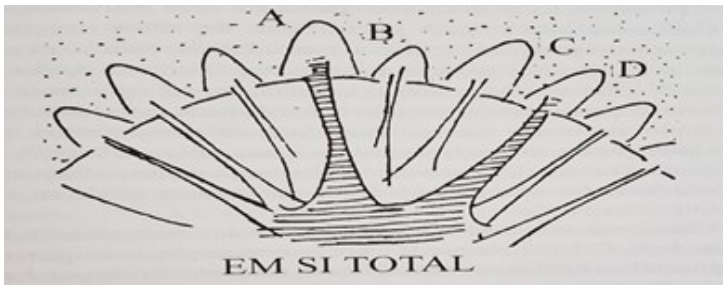
A partir do momento em que o homem tem consciência de quem é, do próprio "Eu sou", torna-se possível colher a sua verdade, o ser em si. E a verdade aparece, é evidenciada, quando o sujeito está em conformidade com o seu ser. Ressaltando-se que para o homem conhecer-se, a informação de quem ele é necessita passar pelo intelecto, pois apenas quando se conhece, pode refletir e espelhar o ser que é. Nessa perspectiva, o ser necessita do saber para ser, um ser que sabe quem é.

Ademais, Meneghetti (2014, p. 275), quando aborda esse primeiro princípio, no livro *Da consciência ao ser*, refere:

> Imediatamente, tão logo a consciência apreende a contemporaneidade de Eu a priori e Em Si ôntico, a partir da evidência externa do "eu existo", descobre-se *Eu sou*. Daqui, sei o objeto que é, reconheço, a partir do meu ser, o outro que é. O objetivo revela-se onde eu sou. Eu sou, mas também o objeto é, e na identidade do ser descubro que *ambos somos essentes no único ser* universal, transcendente. O sujeito evidencia o objeto, mas também o objeto confirma o sujeito através da identidade do ser, ou seja, sujeito e objeto podem dizer um ao outro: "somos essentes no único ser".

Dessarte, somente quando o sujeito colhe a si mesmo, descobrindo o "Eu sou", ele pode encontrar a possibilidade do outro, sem que o objeto seja apenas uma projeção dele mesmo. Além de tudo isso, da evidência do "Eu sou", o sujeito e o objeto podem ser, no sentido de serem essentes no único ser universal, ou seja, individuações com Em Si específico unidas ao Em Si total único (MENEGHETTI, 2015).

A imagem seguinte, figura 1, ilustra o Em Si total único:



Outrossim, cabe ressaltar que o princípio ôntico do "Eu sou" tem relação direta com o princípio lógico da identidade, pois a identidade é a forma que especifica aquele ser e o distingue de qualquer outro ser.

Dessa maneira, o princípio da identidade é que forma uma unidade de ação e, se essa se mantém em acordo consigo mesma, ao que lhe é igual, útil e funcional, conveniente ao seu modo de ser, ela faz continuidade com o ser universal, integrado na verdade do todo (VIDOR, 2015).

2.3.2 O ser é, o não ser não é

O segundo princípio ôntico foi uma herança do grande filósofo grego, pré-socrático, Parmênides de Eléia, que viveu aproximadamente entre os anos de 515 a.C e 440 a.C, com a seguinte sentença perene: "o ser é, o não ser não é", ensinando que a palavra ao total de si mesma presencia o significante, ou seja, existe uma identidade entre a realidade, a razão humana e a linguagem utilizada pelo homem para falar das coisas existentes. Conforme o Professor Meneghetti esse axioma parmediano é pura autoevidência, ou se intui ou não se entende. (MENEGHETTI, 2014).

Tudo que existe, existe porque o homem, no seu pensamento, consegue intuir esta realidade, nada existe fora sem que exista primeiro dentro do homem, pois nada pode ocorrer fora da verdade que cada um é.

Nessa mesma linha, pode-se dizer que nada pode ameaçar a verdade do real da pessoa, isto é, se alguém está bem ou mal, continua intacta a sua verdade ontológica, o que muda é o conscientizar e agir de acordo com a sua essência, realizando escolhas otimais, impulsionando o seu potencial para ser sempre mais, para ir além.

Em relação ao segundo princípio, o Professor Meneghetti (2014, p. 276) esclarece que:

> Quando eu me colho – *Eu sou* – e sei o conjunto que é intrínseco a esse *Eu Sou* (o objeto é a universalidade do ser), não posso pensar, saber fora disto: a essência do real está somente aqui, nesse *Eu sou*, e percebo que aqui sou, fora disso não sou porque é a presença do ser que descobri no *Eu sou* que faz ser ou não ser, que faz o categórico entre ser e nada. Para mim, essente e existente, é absurdo, inconcebível, inimaginável o não ser, porque eu sou. O ser é e basta. Não é nem mesmo necessário "o não ser não é". "O ser é" é o apodíctico, o princípio, que diferencia o real de todo o resto, e eu, com o *Eu sou*, sou "o ser é". Em substância, o uno é a simplicidade de "o ser é".

Isso posto, evidencia-se que para aquele que é, torna-se incompreensível o "não ser", pois este não confirma a verdade do ser, é o próprio nada, ou seja, a ausência absoluta do ser.

Além do mais, é importante referir que aquele que experimenta o ser e depois o nega, a existência passa a ser um sofrimento, uma angústia, um peso, é estar perdido da própria "casa", sem saber como voltar, pois fora do ser só existe o vazio, o "eu não sou".

Por outro lado, aquele ser que vive a sua existência de acordo com a lógica da vida, atua a autoridade e capacidade de fazer, de dar, de ser o ser, então "o ser é" e o existir se torna válido, consentindo a realização.

A realização nada mais é do que a expressão máxima de amor a si mesmo, se não há realização o Em Si entende que a pessoa não se ama, pois essa decorre da reversibilidade, da transparência entre Em Si ôntico e Eu lógico-histórico, se o sujeito segue as coordenadas delineadas pela sua essência, pelo seu Em Si ôntico, tomando as decisões coerentes, otimais e necessárias, então a realização se dá, então surge o "Eu sou".

2.3.3 Eu sou, assim como o objeto, parte do ser. O todo é maior do que a parte

O terceiro princípio ôntico esclarece que o ser individual tem a possibilidade de se perceber no todo, mas isso não o transforma no todo, ele é apenas parte do todo, mas o todo é maior do que ele. Esse princípio abre a "porta" de acesso à racionalidade e à dimensão metafísica, possibilitando ao sujeito, do seu lugar na existência, humildemente, alcançar à unicidade do Ser Absoluto ou "Deus".

Quanto ao terceiro princípio, cabe transcrever o seguinte trecho do Acadêmico Professor Meneghetti (2014, p. 276):

> Eu sou, colho-me *no* todo. Também o objeto é, mas não é tudo. Colho-me parte de um inteiro, de um conjunto e dou-me conta – por evidência no interior da intuição pura do ser – que eu sou parte e o todo é *maior* que a parte. Percebo-me no ser, mas não sou todo o ser. Aqui é o ponto em que se abre a dimensão metafísica do provável e pode-se chegar à unicidade do imenso definido "Deus", porém, é um Deus que nasce da constatação que eu sou *o* ser, sou *no* ser, mas *não sou todo o ser*. Esse é outro conceito claro e distinto.

Nesse mesmo viés, ressalta-se que na dimensão existencial do "ser pessoa", cada ser individual é uma realidade nesse todo maior, pertence ao todo, fazendo parte do todo, como uma pessoa única e irrepetível, mas tendo consciência de que é apenas uma parte e que o todo continuará existindo, mesmo sem aquela parte. O fundamental nesse ponto é a consciência de que a constante humana pode abandonar a medida e presenciar-se dentro do Ser, descobrindo-se parte do todo.

2.3.4 Nexo ontológico

Visto que o homem somente colhe o real a partir de si mesmo, sendo ele a medida, o ponto de referência para a leitura do outro, da vida, do mundo, dos fenômenos, o nexo ontológico é onde está o ser, é o que o liga à causalidade primeira, ao Ser Absoluto.

O nexo referido é a capacidade de identificar, individuar, isolar o ser, o Em Si ôntico de outra pessoa, identificando o que o outro é. O requisito primordial para evidenciar o nexo ontológico é o próprio "Eu Sou", pois a partir da dimensão do próprio ser, colhe-se a intimidade do outro, e isso é recíproco (MENEGHETTI, 2014).

Em relação ao nexo ontológico, o Professor Meneghetti (2010, pp. 503-504) esclarece que:

> "Nexo" é uma palavra latina e deriva de duas palavras gregas: νοῦς e κτίζω. A mente faz, o nous age, o nous funciona, o nous projeta. Nesta sede, então, o que é o nexo? É o conhecimento operador no ser do mundo. É a relação que causa, projeta, insere, é a intenção que faz ou atua através do fatos fenomênicos. Indica que é o operante, quem é o ponto lógico. Substancialmente, é o nexo que coloca em conjunto o símbolo e a causa real. É a passagem em que o meu pensamento coincide com o mundo-da-vida. É o evento, o momento que dá o ponto lógico entre diversas coisas ou dinâmicas. É o ponto lógico, ou melhor, é o evento que evidencia e justifica a unidade de ação de diversas partes. O que eu intuo é verdadeiro, é real onde todos os verdadeiros vivem e são. O nexo, de um lado é experimental, e de outro, é iniciático do mundo-da-vida.

Posto isso, por meio do método ontopsicológico de autenticação do sujeito, é possível que ele alcance o seu Eu real, verdadeiro, tornando-se o que ele simplesmente é, colhendo, assim, a própria realidade ontológica e possibilitando a visão ôntica.

Dessarte que, a partir dessa nova consciência, o ser individual, agora na dimensão do "ser pessoa", pode manter-se em nexo ontológico, para agir em conformidade com o que lhe é útil e funcional para o seu projeto de natureza, visando assegurar sua unicidade, sua integridade, sua unidade de ação, vigiando-se para não errar contra si mesmo, sendo fiel ao seu Em Si ôntico, evitando, assim, separar-se, cindir-se novamente da sua essência.

Por fim, destaca-se que o resultado de experienciar o nexo ontológico na prática cotidiana da vida do homem é atingir a plenitude da sua autorrealização, a transparência da sua consciência e, consequentemente, adentrar no mundo-da-vida, na lógica da vida, no único lugar onde a vida acontece, no aqui e no agora, ou seja, no "presente" da vida.

3. Considerações finais

O apresentado estudo da realidade ontológica e dos quatro princípios ônticos possibilitou refletir como é possível colher o real ontológico nesta existência, em outras palavras, como o homem pode conhecer a sua essência, vivenciando a sua realidade existencial, na ecceidade, neste aqui e agora, e, concomitantemente, conservando a sua natureza, a sua identidade, ou seja, a sua eternidade ôntica, na dimensão do "ser pessoa".

Uma metáfora que pode ser utilizada para melhor ilustrar tais conclusões é comparar o homem a uma árvore. O homem que se conhece, que tem consciência da sua essência, é como uma figueira, que foi projetada para produzir figos ou sombra, dependendo de sua espécie. Entretanto, sabe-se que uma figueira nunca produzirá laranjas, nem morangos, pois não é compatível com a sua natureza. Partindo desse pressuposto lógico, pode-se dizer que o homem que conhece a sua natureza e está consciente de quem é, ou seja, de que é uma "figueira", se alguém lhe pedir para produzir morangos, ele pode apenas negar-se a produzir um "fruto" que não é conforme a sua natureza. Por outro lado, aquele homem que não sabe quem é, corre o risco de ficar uma existência inteira tentando produzir um "fruto", realizar um projeto de vida, que não tem identidade com a sua essência, que não tem "sentido" para o seu Em Si ôntico, vivendo alheio a sua realidade, impossibilitando que este homem saiba quem ele realmente é, simplesmente, por não conhecer a sua natureza e tentar realizar um projeto que não faz identidade, nem realidade consigo, buscando se adaptar a um condicionamento externo.

Posto isso, com a realização deste artigo constatou-se que, em primeiro lugar, é necessário conhecer-se, colher a si mesmo, realizando uma constantemente revisão crítica da consciência, com a implementação de mudanças dos modelos mentais, comportamentais, complexuais, por meio do método ontopsicológico ou de outros métodos que também acessem as informações inconscientes, visando ampliar a consciência do real de si mesmo, ou seja, da própria realidade ontológica. Ressaltando que não há como identificar ou isolar uma verdade absoluta, universal, mas apenas uma verdade para si mesmo, pois o homem é o parâmetro, a medida da sua realidade, sendo possível a ele colher somente a sua verdade.

Após colher a sua verdade, faz-se necessária a decisão de escolher diariamente aquilo que é igual a si mesmo, que é útil e funcional para a sua identidade, optando por oportunidades e relações otimais que possibilitem o máximo de expansão da sua potencialidade única, mantendo a si mesmo, com o mais alto nível de vantagem, o que, certamente, resultará na realização plena do seu ser individual, nesta existência.

Dessa forma, observa-se que a manutenção do firme propósito de cada um realizar bem o seu projeto de natureza, por si só, preserva a unidade do ser individual, a sua integridade, evitando a cisão, a ambivalência, a esquizofrenia existencial. Então, nasce a possibilidade de experienciar diretamente a unidade com o todo, em continuidade com o ser universal e com o Ser absoluto, transcendendo a si mesmo, integrando-se a verdade do todo, do cosmos, do universo e da vida.

Por fim, após percorrer esse caminho, em busca da sua própria exatidão, o adulto estará pronto para ser um "educador" para as crianças e para os jovens, no âmbito pedagógico, familiar ou social, uma vez que vivenciando efetivamente a realidade ontológica é possível demonstrá-la

e desvendá-la para outras pessoas, realizando a pedagogia ontopsicológica, e como nos traz o Professor Antonio Meneghetti: "A essência da pedagogia ontopsicológica é relativizar o mundo à fenomenologia do espírito" (2019, p.239).

4. Referências bibliográficas

MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser**: como impostar a filosofia do futuro. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia.** Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012a.

MENEGHETTI, A. **A Visão Ôntica.** Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012b.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia.** Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **O projeto homem**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. **Imagem alfabeto da energia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica.** 6.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

VIDOR, A. **Filosofia Pura:** a atividade psíquica deve manter-se em nexo ontológico. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.